Confissão

Contratado para ser professor na universidade, nos anos 80, encontrei-me isolado dos sociólogos, com quem aspirava trabalhar, e numa sessão de engenheiros, que não trabalhavam no curso de sociologia, como eu trabalhava. Os meus colegas de sociologia assentiram colaborar, mas nunca tiveram disponibilidade para o fazer.

Um dia, nos anos 90, descobri que um tribunal podia roubar-me, em nome de um banco, que os meus amigos políticos conciliavam com esquemas de corrupção, destruindo as organizações para sustentar os partidos, e, um pouco mais tarde, que os serviços prisionais, incomodados com a minha intervenção cívica, espalharam a notícia de que eu era traficante e o ministro da justiça alegava nas televisões e na AR que eu ia ser preso em breve, como forma de afastar o interesse da comunicação social pelo trabalho da associação dos presos em que estava envolvido.

Na mudança do século, o desagrado do ministro da justiça chegou à universidade, que passou a não publicar artigos meus e instaurou-me um processo disciplinar. Recomendaram-me que abandonasse o tema das prisões, porque era perigoso.

Um dia, na primeira década do século, descobri que aquilo que os meus colegas faziam era sociologia, estava escrito nos livros. Como também estão escritas nos livros as críticas a este tipo de comportamento da sociologia. A pouco e pouco, tornei-me um sociólogo em recuperação, bipolar: umas vezes colega dos meus colegas, outras vezes denunciante da minha profissão, das organizações em que ela tem influência e do mau ambiente social que cria, para ganhar a vida dos profissionais do social.

Um dia, na segunda década do século, li um livro de Michael Khun que explica como as teorias sociais – de todas as ciências sociais – têm o defeito de se assumirem como representantes do estado, isto é, como cada ciência social (e não só a sociologia) forma os seus licenciados a pensarem como se fossem o estado, tomado abusivamente como posição neutra e superior em relação às sociedades e, sobretudo, às pessoas em necessidade de apoio. Falei com o autor e perguntei-lhe se assim era, o que fazer? Disse-me: uma escola para lá das ciências sociais.